

Economia, Património e Cultura (im)material da Indústria dos Mármore de Vila Viçosa, Borba e Estremoz

Armando Quintas

Resumo: A exploração de mármore, tal como outras rochas decorativas, constitui uma actividade milenar que em Portugal recebeu o seu mais recente impulso modernizador em inícios do século XX.

A sua zona de extracção mais emblemática localiza-se nos concelhos alentejanos de Vila Viçosa, Borba e Estremoz, nos quais, uma moderna indústria permitiu um grande desenvolvimento económico destes territórios, com uma grande empregabilidade e dinamismo, mas que em simultâneo também nos passou a apresentar desafios no decorrer do seu desenvolvimento.

Esta actividade constituiu um caso exemplar de industrialização num território regional pretensamente apenas agrário e a importância dos seus recursos geológicos deu lugar não só a interessantes complexos fabris e a uma paisagem em constante mudança, como também conduziu à construção de uma identidade e de uma memória histórica muito importante que urge preservar e dinamizar como elemento de valorização cultural, industrial e turística.

1. O enquadramento económico da indústria dos mármore

A importância da zona dos mármore do Alentejo¹ no contexto histórico de dois milénios, explica-se pela sua jazida, formada há vários milhões de anos e que apresenta mármore cristalinos de elevada qualidade, cujos tons mais comuns são o branco, o rosa, o creme e o azul acinzentado. Trata-se de uma abundante jazida, cujos recursos disponíveis, considerando um rendimento de 20%, foram estimados

* Centro de Estudos CECHAP (Vila Viçosa) / CIDEHUS – Universidade de Évora.

¹ Refira-se que os mármore portugueses, concentrados na região do Alentejo, também podem ser encontrados noutras zonas, tais como Serpa, Viana do Alentejo, Ficalho, Trigaches ou Escoural. No entanto e apesar desta diversidade geológica, todas estas jazidas se encontram inactivas há mais de duas décadas.

Armando Quintas

em 2009, num total de 103 milhões de metros cúbicos, distribuídos pelos seus núcleos de exploração da seguinte forma: Estremoz: 6 milhões de m³; Borba: 8 milhões de m³; Vigária (Vila Viçosa): 16 milhões de m³; Lagoa (Vila Viçosa): 65 milhões de m³; Pardais (Vila Viçosa): 8 milhões de m³.² Já em 2012, uma outra estimativa mais modesta, apresentou uma disponibilidade total destas jazidas na ordem dos 51 milhões de metros cúbicos.³ Fazemos notar que este valor apenas se refere aos 5 núcleos de exploração, não contabilizando as existências fora das zonas delimitadas para exploração. Refira-se ainda, para melhor compreensão da presente análise, que a densidade média deste mármore, é de 2700kg por cada m³. Por outro lado, os mármore continuam a ter uma importância económica de relevo, cujo panorama mais recente é possível traçar a partir dos dados publicados a propósito da indústria portuguesa. Nesse sentido, para se compreender a nossa indústria extractiva e a posição dos mármore na mesma, observem-se os quadros seguintes.



Figura 1 – A típica paisagem dos mármore, CECHAP, 2022

² Cartografia Temática do Anticlinal, INETI, 2009

³ Carvalho, Jorge e outros, Evaluation of the Portuguese Ornamental Stone Resources, in Key Engineering Materials Vol. 548, 2012, 3-8

Quadro 1 – Produção comercial das pedreiras portuguesas, total vs rochas ornamentais 2005-2020⁴ (Toneladas / Valor em €)

Ano	Tonelagem			Valor (€)		
	Total	R. O.	%	Total	R.O	%
2005	198.164.325	2.948.732	1.48	819.395.000	166.336.000	20.30
2010	74.712.623	2.816.731	3.77	454.324.000	176.228.000	38.79
2015	45.448.278	2.887.076	6.35	320.447.000	165.957.000	51.79
2016	43.028.997	2.810.220	6.53	320.795.000	166.879.000	52.00
2017	47.492.352	3.207.051	6.75	342.285.000	179.925.000	52.56
2018	48.197.758	4.442.639	9.22	352.484.000	185.517.000	52.63
2019	53.057.942	4.683.654	8.83	342.154.000	175.134.000	51.18
2020	56.738.188	3.769.122	6.64	366.065.000	171.966.000	46.98

Fonte: D.G.E.G. 2021

O Quadro 1 mostra-nos, o volume e o valor de extracção das pedreiras portuguesas entre os anos de 2005-2020. Em simultâneo mostra-nos também os volumes e valores das rochas ornamentais possibilitando aferir a importância das mesmas dentro do quadro geral da extracção de pedra em Portugal. Pela análise dos dados apresentados, podemos verificar uma grande quebra nos primeiros anos da produção das pedreiras portuguesas, o que está em sintonia com a plena crise económica mundial que se originara em 2008. No seu todo, a exploração de rochas no país, registou um recuo de 62% na tonelagem extraída e de 45% no respectivo valor. Esta situação só se começou a inverter em 2016. Contudo, se verificarmos as rochas ornamentais no seu todo (incluem-se os mármore, calcários, granitos e rochas, pedra para calçada, pedra rústica, ardósia e xistos) a tendência no mesmo período foi inversa, pois apesar de uma baixa da tonelagem extraída, esta subiu no contexto geral e o valor da produção foi subindo, apenas começando a registar quebra no final do período analisado.

Quadro 2 – Produção comercial das rochas ornamentais, total vs mármore 2005-2020 (Toneladas / Valor em €)

Ano	Tonelagem			Valor (€)		
	Rochas ornamentais	Mármore	%	Rochas ornamentais	Mármore	%
2005	2.948.732	242.752	8.23	166.336.000	39.848.000	23.96
2010	2.816.731	223.408	7.93	176.228.000	46.022.400	26.11
2015	2.887.076	182.930	6.34	165.957.000	34.079.000	20.53

[continua]

⁴ Estão incluídas as produções de minerais industriais e de minerais para a construção. Estes últimos subdividem-se em agregados, minerais para cimento e cal e rochas ornamentais.

Armando Quintas

Ano	Tonelagem			Valor (€)		
	Rochas ornamentais	Mármore	%	Rochas ornamentais	Mármore	%
2016	2.810.220	179.838	6.40	166.879.000	31.853.000	19.08
2017	3.207.051	191.448	5.97	179.925.000	34.511.000	19.18
2018	4.442.639	177.971	4.00	185.517.000	30.480.000	16.43
2019	4.683.654	179.954	3.84	175.134.000	18.858.000	10.77
2020	3.769.122	155.877	4.14	171.966.000	18.888.000	10.98

Fonte: D.G.E.G. 2021

O quadro 2, reporta-nos o volume e valor da extracção de todas as rochas ornamentais de Portugal e em paralelo dos mármore, mostrando-nos a importância destes dentro do contexto das rochas ornamentais. Nesta análise estão incluídas as seguintes rochas: mármore, calcários, granitos e rochas similares, pedra para calçada, pedra rústica, ardósia e xistos. Não são incluídos os minérios industriais nem os agregados, que pertencem a outros subsectores económicos e que já foram anteriormente analisados. Quanto aos mármore, estes correspondem simultaneamente a toda a produção nacional, que se concentra nestes três concelhos e que em 2016 estava sustentada em 46 pedreiras, 5 em Borba, 8 em Estremoz e 33 em Vila Viçosa.⁵ Pela análise do quadro, verifica-se assim que o percurso que o sector na sua globalidade vinha encetando, apesar de alguma oscilação, era de crescimento, e que só acaba travado pela situação anormal dos mercados mundiais em 2020. Por outro lado, no caso do mármore, vai-se revelando quebras sucessivas e abaixamentos dos valores de produção. Se em 2015 ele ainda valia 20.53% de todo o sector, em 2020 a sua importância baixa para 10.98% do total e isto explica-se em parte pela quebra de dinamismo da sua indústria, bem como da subida de valor das restantes rochas. De referir, que apesar de não ser nosso objectivo analisar aqui esta dinâmica histórica, estes mármore chegaram a deter entre os anos 60 e os inícios dos anos 90 do século passado, a esmagadora maioria do valor de extracção de todo o sector.

Quadro 3 – Empresas e pessoal ao serviço – 2019

	Alentejo Central	Portugal
N.º de Empresas de extracção	45	146
N.º de Empresas de transformação	57	1096
Pessoal ao serviço nas empresas de extracção	n/d	1058
Pessoal ao serviço nas empresas de transformação	418	6177

Fonte: I.N.E. 2021: Empresas / Pessoal ao serviço

⁵ Pedreiras da Região Alentejo: Caracterização do setor da extracção de massas minerais. Situação face à regulamentação técnica e legal. D.G.E.G. – Divisão de Pedreira do Sul, Outubro 2016, 21.

Quadro 4 – Volume de negócios e valor acrescentado bruto – 2019

	Alentejo Central	Portugal
Volume de negócios das empresas de extracção (em euros)*	56.797.431	99.318.084
Volume de negócios das empresas de transformação (em euros)	33.507.795	452.358.494
Valor acrescentado bruto das empresas de extracção (em euros)*	22.158.388	44.880.989
Valor acrescentado bruto das empresas de transformação (em euros)	9.594.963	163.480.893

* Dados disponíveis apenas para a totalidade da região Alentejo
Fonte: I.N.E. 2021: Volume de negócios / Valor acrescentado bruto

No quadro 3, referente às empresas de mármore e respectivo pessoal ao serviço, é possível verificar a discrepância entre a indústria extractiva e transformadora. No primeiro caso, um terço das empresas estão oficialmente presentes no Alentejo, ainda que na prática seja a sua totalidade, já que as jazidas aqui se encontram, mas por comodidade comercial ou por deterem outras explorações, as suas sedes oficiais estão registadas noutros locais. Já para o caso da indústria transformadora, sendo o mármore extraído um recurso com grande mobilidade, se verifica que a esmagadora maioria da transformação se encontra fora da região, mais precisamente 95% da mesma. Quanto ao pessoal ao serviço, ele é proporcional ao número de empresas de transformação e apesar de não termos dados, é expectável que o seja também para a extracção. No quadro 4 encontram-se plasmados os volumes de negócio e valores acrescentados brutos, que nos permitem verificar que a diferença se reduz em termos da extracção, contando o valor regional como cerca de metade do total nacional, mas que aumenta a diferença na transformação, já que, como acima mencionamos, a maioria das empresas de transformação está instalada noutras regiões. Para completar a análise económica, apresentamos as exportações e os seus principais destinos no período compreendido entre 2019-2021.

Quadro 5 – Exportação de rochas ornamentais e mármore (em Euros)

	2019	2020	2021
Exportação de rochas ornamentais (Em Euros)	465.069.268	401.070.915	472.298.674
Exportação total de mármore (em Euros)	108.943.443	91.558.219	106.006.467
Exportação de mármore em bruto / bloco	39.205.980	28.351.182	37.033.836
Exportação de mármore serrados	22.062.528	18.312.920	17.958.874
Exportação de mármore em obra	47.674.935	44.894.117	51.013.757

Fonte: I.N.E. 2021: Exportações em valor

Quadro 6 – Mármore, Países de destino por valor, maiores importadores

	2019	2020	2021
Exportação de mármore em bruto/bloco	China	China	China
Exportação de mármore serrados	Arábia Saudita	Arábia Saudita	Arábia Saudita
Exportação de mármore em obra	França	França	Arábia Saudita

Fonte: I.N.E. 2021: Exportações em valor

No quadro 5 podemos observar a totalidade do valor das exportações de todas as rochas ornamentais e a sua particularização ao nível do mármore e a sua desagregação por tipos, no computo da exportação nacional por conjunto de todas as regiões e empresas. Observamos que existiu uma quebra em 2020, fruto da situação anormal dos mercados, logo de seguida com uma recuperação que ultrapassou o valor inicial. Em relação aos mármore, eles registaram um movimento semelhante, atingindo respectivamente 23,42%, 22,82%, e 22,44% de toda a exportação. Refira-se, que, também na exportação em décadas passadas, detinham por si, a maior quota do sector, sendo que em 2004 ainda contabilizavam 48% de todo o valor exportado.⁶ A ligeira queda verificada em 2020 devido à situação mundial começou a ser recuperada no ano transacto e nestes três anos a exportação do mármore em obra, o tipo de mármore com maior valor acrescentado por ser produto finalizado reforçou-se, passando de 43% para 49% de todo o valor de exportação. Por último, no quadro 6 referente aos destinos de exportação, a China e a Arábia Saudita mantêm o perfil de exportações registadas na última década para os mármore em bloco e serrados. Quanto aos mármore em obra, a França vem recentemente disputando o lugar de maior importador à Arábia Saudita, modificando os destinos destas exportações que se têm mantido maioritariamente extra-europeias. Em traços gerais, esta é a situação económica recente da indústria dos mármore do Alentejo. Sem entrarmos em grandes aprofundamentos que exigiriam estudos mais complexos, fazemos notar que o fraco dinamismo desta indústria (em comparação com as décadas anteriores), não se deve à falta de matéria-prima em qualidade e abundância, mas a outros problemas estruturais ao nível empresarial. Um dos grandes problemas ao nível regional é a fraca presença da indústria transformadora. Já ao nível nacional, o facto das vendas de mármore em bloco, continuarem a ter um grande peso no total das exportações.

2. A dimensão cultural da indústria da pedra

Nos últimos anos, esta actividade tem assistido ao aparecimento de uma nova dimensão que ultrapassa o seu quadro tradicional de extracção, transformação e

⁶ Quintas, Armando, Os Mármore do Alentejo. História, Património e Valorização Cultural (1850-2020), Tese de Doutoramento em História apresentada à Universidade de Évora, Évora, 2021, 255-270

Economia, Património e Cultura (im)material da Indústria dos Mármorez de Vila Viçosa, Borba e Estremoz

comercialização e que assenta na sua valorização cultural. É uma consequência da ampliação dos últimos trinta anos, do conceito de “património cultural”, devido à consciencialização dos valores intrínsecos de outros elementos históricos que também passaram a ser considerados como testemunhos de cultura e civilização. Assim, aos campos já consagrados como a arte, a arqueologia ou a arquitectura, foi adicionado o “património industrial”, que é o testemunho, o vestígio e a memória da indústria bem como do sector produtivo.



Figura 2 – Monumento ao trabalhador do mármore, Bencatel, CECHAP, 2022

Desta forma o desenvolvimento do conceito de património industrial, testemunho autêntico da evolução do mundo do trabalho, ligado às actividades produtivas e sua modernização económica e tecnológica, faz com que a economia da pedra não se limite unicamente às suas operações comerciais típicas. Ele também possibilita a sua extensão ao campo cultural, uma vez que pode gerar um capital, um valor seja ele monetário ou simbólico, a partir de elementos comuns, nomeadamente a memória e a construção ou reforço da identidade de um território, dois conceitos indissociáveis que só podem ser aprimorados através da compreensão da evolução das dinâmicas históricas e territoriais. Mas para valorizar não basta anunciar intenções, é necessário conhecer profundamente os usos deste material, desde os tempos mais remotos até à actualidade. A actividade milenar é por si geradora de uma cultura muito própria em torno da descoberta, transformação e uso de um recurso mineral de elevada qualidade e entenda-se por actividade milenar, as vicissitudes dos processos de encomendas de mármore, os desejos por detrás dos mesmos e o que isso despoletou no território, em termos de técnicas empregues e

respectivas ferramentas, cooptação de mão de obra, aspirações das mesma, o necessário comércio e o papel do próprio mineral como agente de afirmação social dos encomendadores, ou não se tratasse o mármore de um produto caro e à partida não acessível a todos os habitantes de um determinado local. Pela sua génese produtiva ao longo de dois milénios, com uma intensidade industrial no último século, esta actividade tem gerado uma série de patrimónios. Desde logo as paisagens da produção, locais de extracção do mármore, as pedreiras, hoje presentes às centenas numa exígua faixa de território que não se estende por mais de 35 km de comprimento por 15 km de largura, mas também as suas fábricas transformadoras. Nelas se pode apreciar a evolução do território, com o desventrar da terra, as alterações geológicas e deformações bem gravadas nas frentes de exploração e ainda todo o processo de desmonte da pedra e sua preparação para um produto de luxo maioritariamente de exportação. A maquinaria, as ferramentas e os objectos técnicos são outro tipo de testemunho patrimonial que nos remete para a memória desta indústria, sejam os mecanismos mais modernos, como os mais arcaicos possível onde a mão e a força braçal jogavam um papel fundamental. Por outro lado temos a cultura do saber fazer muito presente nas oficinas de canteiro, onde se concilia as técnicas de trabalho ancestrais com as novas tecnologias e se produz ora para um mercado ainda utilitário como também e cada vez mais para um mercado artístico, ou não fosse o canteiro, um mestre artesão com muita arte e engenho. Outros patrimónios existem e podem ser considerados, como as estruturas de suporte e ou vias de comunicação. Mas foquemos-nos sobretudo no património vivo que constitui a comunidade e no seu sentimento de pertença a uma zona específica de produção de pedra. Nos territórios de exploração de recursos pétreos, não limitados a estes três concelhos, e alargando mesmo ao espectro internacional, é comum os laços familiares revelarem a pertença a este tipo de actividade, em que as famílias da zona, costumam ter um elemento que ali trabalha ou trabalhou, e por outro lado, é comum também existirem festividades ou expressões culturais cíclicas que nos remetem para a indústria da extracção e transformação das pedras. Neste sentido os casos das regiões da Valónia na Bélgica, de Carrara em Itália ou Macael em Espanha, são bastante elucidativos a este respeito, e partilham com o Alentejo, um conjunto de semelhanças ao nível da memória do trabalho da pedra e do impacto da actividade nas populações das redondezas.

3. A valorização do património dos mármore do Alentejo

Este dever cultural tem contribuído para um novo modelo de desenvolvimento, em que o próprio sector e também as políticas de produção de cultura, turismo e planeamento regional podem perspectivar novas formas de progredir através da apropriação simbólica da dimensão industrial e, em particular do passado industrial. Algumas destas práticas já as podemos encontrar presentes na zona dos mármore, com a promoção e valorização do património da indústria, seja esse no âmbito material, como imaterial. Em primeiro lugar, o estudo PHIM – Património

Economia, Património e Cultura (im)material da Indústria dos Mármore de Vila Viçosa, Borba e Estremoz

e História da Indústria dos Mármore⁷, promovido desde 2012 pelo Centro de Estudos CECHAP em colaboração com diversas Universidades portuguesas. Esta investigação no âmbito das ciências sociais e humanas complementa perfeitamente bem aquela outra iniciada há décadas no âmbito da geologia, dando-lhe um sentido histórico e humano. Este estudo já produziu 5 monografias e 2 cadernos patrimoniais. Já deu origem a mais de três dezenas de artigos científicos e ainda a meia centena de comunicações orais em congressos nacionais e internacionais, em vários países europeus e no Brasil.



Figura 3 – Publicações do Centro de Estudo CECHAP (2012-2022), CECHAP, 2022

Por seu lado, o turismo industrial do mármore está assegurado pela Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz⁸, produto turístico especializado na visita e na actividade criativa do sector do mármore, cujos guias, conhecedores do território, têm como missão dar a conhecer as dinâmicas desta indústria e a sua evolução histórica. É actualmente a única oferta turística no âmbito dos mármore existente em Portugal, encontrando-se integrada no Roteiro de Minas e Pontos de Interesse Mineiro e Geológico de Portugal. No que diz respeito à gestão da informação documental, Vila Viçosa pode contar com a Biblioteca / Arquivo Alfredo Tíno, pertencente ao Centro de Estudos CECHAP, na qual se encontram depositados inúmeros fundos documentais dos mármore portugueses, e que é porventura o repositório físico mais completo neste momento no país sobre esta temática. No âmbito expo-

⁷ <https://www.marmore-cechap.pt/publications>

⁸ <https://rotadomarmoreae.com/pt>

Armando Quintas

sitivo de representação cultural do mármore, contamos também em Vila Viçosa, com dois núcleos expositivos, quer o núcleo museológico da Gradinha, de gestão municipal, quer o núcleo expositivo do Centro de Estudos CECHAP, de gestão privada. Em ambos podemos encontrar desde amostras de mármore, instrumentos de trabalho, ferramentas desta indústria, bem como imagens e fotografias desta indústria.



Figura 4 – Núcleo expositivo da rota do Mármore, em detalhe, ferramentas do mármore, CECHAP, 2022

Estas actividades e dimensões de promoção da cultura da pedra, sua indústria e economia, são muito importantes, no entanto são insuficientes. O actual território do mármore, sofre de uma estrondosa desorganização ao nível territorial, empresarial e institucional que se foi agravando a partir dos anos 90 do século passado, com a extinção do Serviço de Fomento Mineiro, com o encerramento do Cevalor em 2016 e que atingiu proporções calamitosas com o acidente da estrada de Borba, ocorrido em 19 de Novembro de 2018. Esta situação só se pode inverter profundamente, com um plano de desenvolvimento integrado que tenha em conta todos os actores do território e os vários vectores existentes, económicos, sociais, territoriais, formativos e institucionais. É necessário um plano regional estratégico que identifique na sua concepção as necessidades dos industriais e das populações, que os escute e que seja preparado de forma integrada, isto é incluindo todos os aspectos da vida económica e social dos concelhos abrangidos. Incluímos aqui, o retorno a uma parte das ideias do antigo Prozom – Plano Regional de Ordenamento da Zona dos Mármore, adaptando-as às circunstâncias actuais e futuras, em que os PDM – Planos de Ordenamento Municipal sejam integrados numa óptica a pensar a expansão da actividade dos mármore, evitando a contínua classificação e desclassificação de zonas de extracção / agrícolas e florestais que têm ocorrido ao longo dos últimos anos, tendo como instrumento uma nova análise mais completa de todas as zonas de exploração, activas e inactivas que nos possa informar que pedreiras esgotaram a sua vida útil em termos de extracção de materiais com capacidade de colocação nos mercados e quais, estando inactivas, que potencialidades apresentam em caso de reinício de actividade. Há também que ter em conta, as necessidades futuras em termos de água para consumo humano / industrial, as

acessibilidades rodoviárias e ferroviárias e os problemas ambientais das explorações, desde o esventramento dos terrenos, instabilidade de taludes e os rejeitos das explorações e transformações com aplicações industriais, escombrelas e lamas.

Situações como a falta de água em Bencatel por problemas na captação, numa zona de abundantes recursos hídricos, das estradas em perigo, que ligam o concelho como a de Bencatel e a de Alandroal / Pardais, têm que ser resolvidas no mais curto espaço de tempo, sob pena de estrangularem a actividade económica, originando ainda mais problemas sociais. Por outro lado, a ferrovia é uma oportunidade futura que não deve ser desperdiçada e está longe de se esgotar na construção da linha pesada de mercadorias Sines – Europa, pois a proximidade com Vila Viçosa e com a antiga linha e o seu ainda existente espaço canal de Vila Viçosa – Estremoz, oferecem uma possibilidade de instalação de novos modelos de ferrovia ligeira que estão a ser implementados em toda a Europa, conjugando o transporte e transbordo não só de mármore, como de envio e recepção de outros produtos para a zona dos mármore, tais como produções agro-industriais, maquinarias e consumíveis para a indústria, nesse sentido, a escolha da localização da futura estação técnica de Alandroal, deve ser muito bem ponderada. Quanto aos problemas dos rejeitos da indústria, escombrelas de mármore que abundam no território bem como as lamas das serragens, devem ser pensados na óptica de recursos a usar como sub-produtos, não só fazendo cumprir a legislação mais recente, mas criando condições para o seu escoamento / utilização. Nas escombrelas encontram-se a maior parte dos mármore extraídos, pois com uma jazida fracturada, o aproveitamento máximo é de apenas até 20%, nelas se encontram as despesas da extracção e grande parte dos lucros que faltam aos industriais. Nos montes de lamas deitados ao azar por todo o território, encontram-se quer potencialidades já estudadas para sub-produtos, como por exemplo melhorias das pastas cerâmicas, mas também problemas latentes de nível muito grave, com infiltrações nos solos, o que mais tarde ou mais cedo irá originar problemas de saúde pública para as populações. Outra dimensão muito importante, que se encontra neste momento inactiva, é a formação profissional e pedagógica. O centro tecnológico Cevalor em Borba detinha particular importância nesta área, com a formação e reciclagem de operários para a indústria dos mármore. O seu encerramento em 2016 deixou um enorme vazio que se faz sentir, particularmente no último ano com a possibilidade de reforma antecipada dos actuais trabalhadores. Note-se também, que a formação pedagógica nos ofícios e estímulo das gerações mais novas pela cultura e trabalho da pedra revela-se de extrema importância pela revalorização dos recursos naturais face à mudança de paradigmas produtivos e energéticos. A carência de profissionais para trabalhar no restauro da catedral de Notre-Dame por exemplo, é um desses fortes indícios das tendências futuras. Por último não queremos deixar de abordar a questão da Candidatura de Vila Viçosa a Património Mundial. Trata-se de um tema muito importante quanto sensível, pelos impactos positivos que poderá trazer ao concelho pelo aumento do turismo, mas também pelos impactos no custo de vida dos seus habitantes, caso não seja um processo bem gerido. Estamos convictos que a nova equipa coordenadora, recen-

Armando Quintas

temente escolhida, trará novos contributos durante o processo de reformulação do dossier de candidatura. Da nossa parte, defendemos que a mesma se deve focar no contexto histórico alargado, incluindo e privilegiando Vila Viçosa ducal mas não ignorando a história anterior e posterior do concelho e em particular deve-se focar também na sua dimensão produtiva, na qual o mármore e sua actividade têm sido centrais durante séculos.

Todas estas dinâmicas devem ser integradas num projecto de longa duração pensado para melhorar a performance da indústria, para que produza de forma mais sustentada com mais valor de exportação, valorizando-se assim a região dos mármore e resolvendo-se os problemas das populações. É pois necessário atrair emprego especializado e qualificado, de forma a inverter a tendência do envelhecimento e da fuga dos jovens para outras regiões. Este projecto deve ser pensado segundo os actuais objectivos estratégicos da União Europeia, uma Europa mais inteligente, mais verde, mais conectada e social, bem como mais próxima de todos os cidadãos.

Fontes e Bibliografia

- À Descoberta do Ouro Branco, Caderno Patrimonial dos Mármore, n.º 1, Centro de Estudos CECHAP, 2020.
- À Descoberta do Ouro Branco, Caderno Patrimonial dos Mármore, n.º 2, Centro de Estudos CECHAP, 2022.
- Cartografia Temática do Anticlinal, INETI, 2009.
- CARVALHO, Jorge e outros, Evaluation of the Portuguese Ornamental Stone Resources, in Key Engineering Materials Vol. 548, 2012, 3-9.
- CARNEIRO, André; MOURA SOARES, Clara; GRILO, Fernando; SERRÃO, Vitor, *Mármore – 2000 Anos de História*, Vol. III – Contributos dos Mármore do Alentejo para Afirmção das Artes, Almedina, 2022.
- MATOS, Ana Cardoso de; PORFÍRIO, José; FREITA, Pedro Caridade, *2000 Anos de História*, Vol. IV – Contributos dos mármore do Alentejo para um percurso global, Almedina, 2022.

Direcção Geral de Geologia e Energia:

- Produção comercial de pedreiras por setor / subsetor e por anos (2007 a 2020), Lisboa, 2021.
- Produção comercial de agregados por substância e por anos (2000 a 2020), Lisboa, 2021.

Instituto Nacional de Estatística:

- Empresas (N.º) por Localização geográfica (NUTS – 2013) e Actividade económica (Subclasse – CAE Rev. 3); Anual (3), Janeiro 2022.
- Pessoal ao serviço (N.º) das Empresas por Localização geográfica (NUTS – 2013) e Actividade económica (Subclasse – CAE Rev. 3); Anual (3), Janeiro 2022.

Volume de negócios (€) das empresas por Localização geográfica (NUTS – 2013) e Atividade económica (Subclasse – CAE Rev. 3); Anual (3), Janeiro 2022.

Valor acrescentado bruto (€) das Empresas por Localização geográfica (NUTS – 2013) e Atividade económica (Subclasse – CAE Rev. 3); Anual (3), Janeiro 2022.

Exportações (€) de bens por Local de destino e Tipo de bens (Nomenclatura combinada – NC8); Anual – INE, Estatísticas do comércio internacional de bens, Janeiro 2022.

Pedreiras da Região Alentejo: Caracterização do setor da extração de massas minerais. Situação face à regulamentação técnica e legal. D.G.E.G. – Divisão de Pedreira do Sul, Outubro 2016.

QUINTAS, Armando. *Os Mármore do Alentejo. História, Património e Valorização Cultural (1850-2020)*, Tese de Doutoramento em História apresentada à Universidade de Évora, Évora, 2021.

SERRÃO, Vitor; MOURA SOARES, Clara; CARNEIRO, André. *Mármore – 2000 Anos de História*, Vol. I – Da Antiguidade à Idade Moderna, Teya, 2019.

MATOS, Ana Cardoso de; ALVES, Daniel. *Mármore – 2000 Anos de História*, Vol. II – A Evolução Industrial, os seus agentes económicos e a aplicação na época contemporânea, Teya, 2019.